

Arroz, escravos guineenses e gastronomia brasileira

O prato mais popular do Maranhão, Brasil, é o **arroz de cuxá**, também conhecido por caruru da Guiné. Se a última designação aponta claramente para as suas origens, não é o caso de *arroz de cuxá* para a grande maioria dos maranhenses e dos brasileiros e mesmo dos guineenses e outros africanos que não têm noção da língua mandinga. O historiador norte-americano Walter Hawthorne estudou detalhadamente a influência dos escravos guineenses na cultura e identidade brasileiras, entre os séculos XVII e XIX, e não tem dúvidas de que o termo *cuxá* provém da Guiné-Bissau. Num livro publicado em 2010¹ e totalmente dedicado às relações históricas entre a Guiné-Bissau e Maranhão, Hawthorne explica que *cuxá*, um dos principais ingredientes do prato que leva o seu nome, não é uma palavra portuguesa, sendo “muito provavelmente de origem mandinga.”

Os quilombolas brasileiros (descendentes de escravos africanos) que visitaram Cacheu há uns anos atrás, ficaram admirados quando descobriram que *cuxá* tinham o mesmo significado que *kutxá* em mandinga. Na verdade, *cuxá* ou *kutxá* é o nosso *baguitché* nacional, cujo nome científico é *Hibiscus sadderiffa*. Muitos escravos africanos no Brasil eram mandingas.

Hawthorne fala também de outros pratos maranhenses e da maneira como são preparados e servidos, o que indica claramente a influência de escravos. É o caso do *arroz de caranguejo*. A agrônoma guineense Isabel Miranda (Beloca), conhecedora da gastronomia guineense, pensa que esse caranguejo é na realidade o nosso cacre, muito frequente nas zonas de mangal e nos arrozais. O outro prato é *moqueca de peixe*, à base de óleo de palma. Foram as escravas guineenses que preparavam esses pratos, que ensinaram depois aos outros povos.

Os africanos levaram sementes de arroz e um sistema completo de conhecimentos e tecnologias do seu cultivo, descasque e uso. Nas duas margens da Passagem do Meio (Oceano Atlântico), o arroz era alimento, cultura e identidade. Recentemente, foi descoberta no Brasil uma estatueta da Deusa Nimba, a deusa da fertilidade. Foi a primeira encontrada em território americano. Para o pesquisador Édison Hüttner, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, a estatueta é de origem *baga/nalu* (Guiné-Conakry/Guiné-Bissau). Afirma: “A Deusa Nimba era cultuada pela Sociedade Secreta Cimo, nas festas da sementeira e colheita do arroz vermelho (*Oryza glaberrima*)². Este arroz foi plantado no Maranhão e Bahia”.³

O arroz, o baguitché e a palmeira de óleo, assim como o quiabo, o café, o sorgo, o milheto, o inhame, o feijão frade, a noz de cola, o tamarindo e várias outras plantas foram domesticados em África. Foram

¹ Walter Hawthorne, 2010. From Africa to Brazil: Culture, Identity, and an Atlantic Slave Trade, 1660-1830. Cambridge University Press.

² Nome científico do arroz africano.

³ [HTTP://WWW.PUCRS.BR/BLOG/ESTATUA-DO-SECULO-18-COM-ARTE-AFRICANA-E-DESCOBERTA-NO-RS/](http://www.pucrs.br/blog/estatua-do-seculo-18-com-arte-africana-e-descoberta-no-rs/)

os escravos africanos que, através da sua emigração forçada, introduziram a sua cultura em vários países das Américas.⁴

José Filipe Fonseca

⁴ Judith Carney and Richard Rosomoff, 2010. In the Shadow of Slavery. Africa's Botanical Legacy. University of California Press.